

Emanuel J. Santos *

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Copag (2024), *Cordel*, Manaus, Copag.

Numa confluência entre a literatura de cordel – tradição lusa que ganhou contornos próprios no nordeste brasileiro – e o jogo de cartas, a COPAG lança o baralho *Cordel*, que, em suas 55 cartas, apresenta textos e ilustrações que reverberam esse rico patrimônio imaterial brasileiro. Partindo da estrutura convencional de um baralho – quatro naipes de treze cartas, compostos por dez cartas numeradas de Ás a Dez, mais a corte formada por Valete (J), Dama (Q) e Rei (K), somados a três Coringas, o baralho *Cordel* apresenta em suas cartas numeradas quatro excertos de cordéis: no naipe de Espadas (♠), um excerto de “A chegada de Lampião ao Céu”, de Guaipuan Vieira; no naipe de Paus (♣), o “Romance do Pavão Misterioso”, de João Melquíades Ferreira; por seu turno, os naipes vermelhos foram dedicados a Leandro Gomes de Barros, havendo em Ouros (♦) um excerto de sua “História de Juvenal e o Dragão” e, em Copas (♥), o início do “Testamento da Cigana Esmeralda”.

A perspectiva expandida da Literatura¹ permitiu que outras materialidades, para além do códice, fossem associadas ao conceito de livro. Como observa Chartier, “o formato é somente uma das formas que proporcionam sua materialidade aos objetos impressos, mas é uma realidade essencial da cultura escrita, antes mesmo da invenção de Gutenberg” (Chartier 2022: 14). Os baralhos, instrumentos voltados para o jogo, a adivinhação e a memória, participam também do processo de transformação da manufatura em impressão em série; além disso, seu uso passa a ser não apenas um aliado na construção de narrativas a partir do jogo, como qualquer jogo de cartas, como também ele mesmo em sua materialidade uma narrativa disponível para o jogo, esfera particular da correlação entre as cartas de baralho e a literatura.

Embora não nos seja possível afirmar qual teria sido o primeiro baralho a unir imagem e narrativa como mecânica de jogo, é suficiente recobramos o *Tarô de Mantegna*, impresso no século XV, cujas cinco séries de dez cartas, devidamente organizadas, abarcam uma pedagogia do modelo humanístico renascentista – padrão mnemônico replicado em outros baralhos desde então, em que a ordenação das cartas sugeriria um determinado conhecimento sobre suas faces, independentemente das regras criadas para os jogos com esses baralhos específicos.

Já no século XX, a materialidade das cartas serviu a experimentos textuais com o baralho, como é o caso do *Juego de Cartas*, de Max Aub (2010 [1964]). Nesse livro-baralho, são desenvolvidos pelo autor dois conjuntos completos de cartas (Ás a Rei mais

dois coringas) nos quais a face corresponde à carta de baralho e o verso a uma missiva, jogando com o duplo sentido da palavra *carta*. O objetivo é, ao organizar as informações presentes nas cartas, responder à questão: “quem foi Maximo Ballesteros?”.

Se percebemos a longa duração do uso da estrutura do baralho como sugestão compositiva, os temas aplicados aos baralhos também são rastreados em uma longa tradição. Partindo da estrutura estabilizada do baralho, são produzidas ou recuperadas imagens que dialoguem com as faces das cartas, seja com as figuras (recuperando a tradição francesa de nomear as cartas da corte) ou mesmo com todas as cartas, alinhando-as a um tema comum a todo o baralho ou a um tema por naipe. É nesse escopo de baralhos-livros (ou livros-baralhos) que a edição de *Cordel*, da Copag, se enquadra.

A composição dos naipes mescla imagens (nas cartas ímpares) e estrofes dos textos escolhidos (nas cartas pares). Iniciando a série, os Ases não possuem imagem senão o índice do naipe a que pertencem. Encerrando a série, os Dez possuem tanto um texto quanto uma imagem que o emoldura. Ilustrado por Ary Falcão,² o baralho teve os índices dos naipes ligeiramente alterados, para melhor se adequarem à cultura nordestina: o facão para Espadas, o balão para Ouros, o cacto para Paus e o coração de madeira para Copas. As imagens das cartas numeradas dialogam diretamente com a estrofe que se segue nas cartas ímpares, e a corte é composta por personagens do imaginário nordestino, como Lampião (Rei de Espadas), Maria Bonita (Dama de Espadas), o sanfoneiro (Rei de Ouros) e até mesmo o Diabo (Valete de Copas).

À maneira de um livro de páginas soltas, ainda que organizadas pela sequencialidade das cartas, temos um livro ilustrado em cartas de baralho, pois, à medida que as cartas, organizadas em sua ordem numérica, são lidas, são também lidos os excertos dos cordéis selecionados como em um códice ilustrado.

Observemos o naipe de Espadas. Estruturalmente, o cordel “A chegada de Lampião no Céu”, o menor dos cordéis selecionados,³ é um claro exemplo das regras inescapáveis de composição do cordel (Santos 2019): formado por 31 estrofes, em sextilhas até a vigésima sexta e, a partir da vigésima sétima, compostas por heptetos, com versos heptassílabos. Conforme as regras compositivas deste gênero, as rimas ocorrem nos versos pares, nas sextilhas. Nos heptetos, as rimas ocorrem eventualmente entre o primeiro e o terceiro versos, mas obrigatoriamente entre o quinto e o sexto versos e entre o segundo, o quarto e o sétimo versos.

Para o baralho, foi selecionado o recorte entre a vigésima terceira e a vigésima sétima estrofes, as quais foram transpostas para as cartas pares do naipe. As ilustrações, recuperando o texto, referenciam o conflito criado quando Lampião, ascendendo aos céus, é barrado à porta por São Pedro, sendo acudido por seu padrinho, o Padre Cícero.

No naipe de Ouros, o excerto de a “História de Juvenal e o Dragão”, totalmente composto em sextilhas com versos heptassílabos, retoma um tema caro aos romances de cavalaria: o enfrentamento de um monstro para salvar uma princesa do mal. No excerto selecionado (Barros 1974: 7), o Dragão, para manter a harmonia com o reino,

exige do rei uma moça bonita por ano, até que por fim a escolha recai sobre uma princesa. Esse é um caso em que a leitura é cortada, abruptamente, deixando um desejo genuíno de se conhecer o restante da história – algo que se repetirá nos naipes de Paus, correspondente ao cordel “Romance do Pavão Misterioso” (Da Silva s.d. [1923]: 13- 14), e Copas, correspondente às cinco primeiras estrofes do “Testamento da Cigana Esmeralda” (Barros 1962).

O fragmento de cinco estrofes disponibilizado em cada naipe funciona, na lógica organizacional do naipe, como um incept, um convite à leitura dos cordeis – já disponibilizados em domínio público, e cujas referências estão na bibliografia; entretanto, ao contrário do livretinho *in octavo*, o baralho possui a prerrogativa do embaralhamento, da mistura entre estrofes, temas, autorias e imagens, permitindo uma infinidade de outras leituras construídas a partir da interação entre leitor e obra. O jogo de cartas é, também, um jogo de textos. Porta de entrada legítima para a descoberta e o estudo do patrimônio imaterial brasileiro, o baralho *Cordel* é um claro exemplo do potencial gerativo do baralho, quando associado à literatura.

NOTAS

* Emanuel J. Santos é doutorando em Letras (UFMT), tendo cumprido seu doutorado sanduiche na Universidade de Coimbra (PDSE CAPES 2022-2023). Mestre em Letras (UNINCOR), licenciado em Letras (UNIFRAN) e licenciado e bacharel em História (UFOP). Atualmente, é professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho. Membro do LICEX – Grupo de Pesquisa Literatura em Campo Expandido (MCKENZIE). Sua pesquisa versa sobre os efeitos lúdico-literários obtidos a partir do uso de cartas dos mais diversos baralhos, tendo, em seu doutorado, explorado o uso do Tarô. Dedicar-se à prática lúdica e oracular com as cartas desde muito jovem, diretriz para todos os seus trabalhos seguintes.

¹ Tal conceituação decorre dos estudos de Rosalind Krauss (1984) Florencia Garramuño (2014) e Josefina Ludmer (2010).

² Artista soteropolitano, Ary Falcão é diretor de arte, ilustrador e animador. Seus trabalhos já foram apresentados em diversos estados brasileiros, como Brasília, Bahia, São Paulo, Ceará, Minas Gerais e também em outros países, como Argentina, República Dominicana e Angola. Suas xilogravuras foram estampadas no “Quarto Cordel” do Big Brother Brasil 21, representando a identidade e o patrimônio nordestinos naquele local.

³ Este foi o único cordel em que o texto, talvez por seu tamanho, foi disponibilizado no *Domínio Público* em páginas A4; todos os demais são fac-símiles, compostos *in octavo*.

Bibliografia

- Aub, Max (2010 [1964]), *Juego de Cartas*. 2 ed. Madrid, Cuadernos del Vigía.
- Cátedra Max Aub (2019), “Juego de Cartas”, <<https://culturaunam.mx/catedramaxaub/juegodecartas/>> (último acesso em 07/04/2025).
- Barros, Leandro Gomes de (1974), *História de Juvenal e o Dragão*. Juazeiro do Norte, João Martins de Athayde, <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=5405&co_midia=2>. (último acesso em 31/03/2025).
- (1962), *O Testamento da Cigana Esmeralda*. Juazeiro do Norte, João Martins de Athayde, <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=5450&co_midia=2>. (último acesso em 31/03/2025).
- Chartier, Roger (2022), “Buscando os in-quarto: materialidade do livro e significado do texto”. *ArtCultura*. v. 24, n. 41, 9-22. <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/66574>>. (último acesso em 30/03/2025).
- Copag (2024), *Cordel*. Manaus, Copag.
- Copag (2024), “Baralho cordel: conheça a cultura do cordel nas cartas”. <<https://blog.copag.com.br/curiosidades/cordel-baralhos>>. (último acesso em 31/03/2025).
- Da Silva, João Melquíades Ferreira (1923), *Romance do Pavão Misterioso*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco, <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=5388&co_midia=2>. (último acesso em 31/03/2025).
- Fundação Casa de Rui Barbosa (2018), “Literatura de cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro”. <<https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/2018/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-imaterial-brasileiro>>. (último acesso em 31/03/2025).
- Garramuño, Florencia (2014), “Práticas da impertinência”, in *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro, Rocco: 9-29.
- Krauss, Rosalind (1984), “A escultura no campo ampliado”. *Revista Gávea*, v. 1, 87-93. <https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf>. (último acesso em 07/04/2025).
- Ludmer, Josefina (2010), “Literaturas pós-autônomas”. *Sopro Panfleto Político-Cultural*, n. 20, 01-04, <<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>>. (último acesso em 07/04/2025).
- Santos, Francisco Passos (2019), *Oficina de literatura de cordel*. Instituto Federal de Sergipe, <http://www.ifs.edu.br/images/arquivos/Biblioteca/CURSO_DE_METRIFICAÇÃO-CORDEL.pdf>. (último acesso em 07/04/2025).
- Vieira, Guaipuan (1997), *A chegada de Lampião no Céu*. <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=20046&co_midia=2>. (último acesso em 31/03/2025).